

**Casar é uma vez só! Uma análise do parâmetro movimento em verbos inerentemente recíprocos da Língua Brasileira de Sinais****To marry is a one-off! Analyzing the movement specifications of inherently reciprocal verbs in Brazilian Sign Language**

Lorena Figueiredo<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade de Bergen

Guilherme Lourenço<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo**

As línguas naturais empregam diferentes estratégias para codificar reciprocidade em sua gramática. Neste trabalho, analisamos um grupo de verbos em Libras (Língua Brasileira de Sinais), cuja interpretação recíproca já está presente em sua especificação lexical. Após identificar esse grupo de verbos, chamados de recíprocos lexicais ou de verbos inerentemente recíprocos, procedemos com a descrição fonológica desses itens e identificamos duas propriedades comuns a eles: todos são bimanuais e ainda possuem um padrão de movimento bastante característico. Com relação à bimanualidade, argumentamos que há um mapeamento semântico (icônico, na verdade) entre cada uma das mãos e um participante do evento. Já sobre os padrões de movimento encontrados, foco principal deste artigo, notamos dois tipos principais de movimento: i) movimento simples (ou repetitivo) e ii) movimento alternado. A diferença entre esses dois tipos de movimento reflete uma distinção semântica importante: verbos inerentemente recíprocos com movimento único codificam eventos atômicos simétricos, enquanto verbos com movimento alternado codificam eventos assimétricos, em que a reciprocidade é obtida a partir da acumulação de subeventos não-simétricos. Essa observação contribui para as discussões sobre a interface fonologia-semântica e para melhor descrição semântica dos verbos recíprocos em Libras, além de se alinhar com achados feitos em outras línguas de sinais.

**Palavras-chave:** Construções recíprocas. Recíprocos lexicais. Simetria. Língua Brasileira de Sinais

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Linguística Teórica e Descritiva (UFMG). Doutoranda em Linguística pela Universidade de Bergen (UiB/Noruega). E-mail: lorena.figueiredo@uib.no. <https://orcid.org/0000-0001-8206-7185>

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Linguística Teórica e Descritiva (UFMG). Professor adjunto na Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: guilhermelourenco@ufmg.br. <https://orcid.org/0000-0002-4272-1282>

**Abstract**

Natural languages use different strategies to mark reciprocity in their grammar. In this paper, we analyze a group of verbs in Libras (Brazilian Sign Language) whose reciprocal reading is already present in their lexical specification. After identifying these verbs, called lexical reciprocals or inherently reciprocal verbs, we provided a phonological description of these items and identified two common properties among them: they are all bimanual and they have a very characteristic movement pattern. Regarding bimanuality, we argue that there is a semantic (iconic, actually) mapping between each of the hands and a participant in the event. Regarding the patterns of movement, the focus of this article, we note two main types of movement: i) simple (or repetitive) movement and ii) alternating movement. The difference between these two types of movement reflects an important semantic distinction: inherently reciprocal verbs with single movement encode symmetric atomic events, while those with alternating movement encode asymmetric events, where reciprocity is obtained from the accumulation of non-symmetric subevents. This observation contributes to discussions on the phonology-semantic interface and to a better semantic description of reciprocal verbs in Libras, aligning with findings in other sign languages.

**Keywords:** Reciprocal constructions. Lexical reciprocals. Symmetry. Brazilian Sign Language

**Introdução**

Uma construção recíproca pode ser definida como aquela que “denota uma eventualidade que envolve reciprocidade entre os seus participantes” (Siloni, 2008, p. 452)<sup>3</sup> e é usualmente marcada por uma estratégia gramatical específica – normalmente morfológica. Em uma definição mais completa, König (2017, s/p) aponta que “semanticamente, relações recíprocas envolvem uma pluralidade de participantes ( $|A| \geq 2$ ), são simétricas ( $A1 \leftrightarrow A2$ ) (...) e requerem que dois papéis semânticos (ex: ambos Agente e Paciente) sejam atribuídos a cada participante”.<sup>4</sup> Em (1) temos um evento recíproco representado:

(1) João e Maria (se) casaram.

Diferentes línguas codificam reciprocidade de maneiras distintas, e, apesar de as construções recíprocas serem pouco frequentes, em geral, exibem alta incidência entre as línguas (Evans, Levinson, Stephen C., *et al.*, 2011, p. 13). Outro fator que torna as construções recíprocas um objeto de pesquisa atrativo para linguistas, de acordo com Nordlinger (2023), é o fato de elas expressarem um evento complexo, que codifica uma relação social complexa. Ainda para o autor (2023, p. 73), múltiplas propriedades gramaticais interessantes podem ser observadas nas construções recíprocas em função dessa complexidade, pois “há uma incompatibilidade entre a estrutura argumental semântica e a realização gramatical”.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> denotes an eventuality that involves reciprocity between its participants.

<sup>4</sup> Semantically, reciprocal relations involve a plurality of participants ( $|A| \geq 2$ ), they are symmetric ( $A1 \leftrightarrow A2$ ) (...) and require that two semantic roles (e.g., both Agent and Patient) are assigned to each participant.

<sup>5</sup> In reciprocal constructions, there is a mismatch between semantic argument structure and grammatical realization.

Dentre os diferentes mecanismos gramaticais utilizados pelas línguas naturais para codificar relações recíprocas estão, por exemplo: construções nominais bipartites, pronomes recíprocos, clíticos recíprocos, afixos verbais, verbos compostos, recíprocos lexicais. A maior parte das estratégias apontadas são gramaticais e envolvem a reciprocização do evento, ou seja, um evento tradicionalmente não-recíproco recebe uma interpretação recíproca por meio do uso de uma dessas estratégias. A exceção são os recíprocos lexicais, que expressam reciprocidade inerentemente, sem que nenhuma outra morfologia adicional seja necessária.

- (2) João e Maria se amam.  
 (3) João e Maria se casaram.

O exemplo (2) ilustra uma estratégia de reciprocização, uma vez que o evento ‘amar’ – não recíproco – passa a ter a leitura recíproca em função do uso do pronome recíproco ‘se’. Em contrapartida, em (3) temos um recíproco lexical – ‘casar’. O evento descrito envolve necessariamente dois participantes, que desempenham, ao mesmo tempo, os papéis temáticos de agente e paciente no evento.

Também encontramos descrições e análises de construções recíprocas para línguas de sinais (Fischer e Gough, 1978; Pfau e Steinbach, 2003; Zeshan e Panda, 2011), inclusive para a Libras (Ferreira, 2021; Pizzio *et al.*, 2023). Um exemplo é fornecido a seguir:

(4)



DUAS



CRIANÇAS



BRIGAR

‘Duas crianças brigam’

Em (4) há um exemplo de recíproco lexical em Libras: o verbo “brigar”. Nessa sentença, a leitura recíproca é inerente ao verbo<sup>6</sup>.

Neste trabalho, analisamos esse grupo de verbos em Libras, cuja interpretação recíproca já está presente em sua especificação lexical. Após identificar esse grupo de verbos, chamados de recíprocos lexicais ou de verbos inerentemente recíprocos, procedemos com a descrição fonológica desses a fim de identificarmos propriedades comuns a esses itens. Mas antes de passarmos a nossa análise, é preciso discutir as propriedades dos verbos inerentemente recíprocos e também a distinção entre recíprocos simétricos e não-simétricos.

<sup>6</sup> Retomaremos essa distinção posteriormente, ao longo deste trabalho. Mas são esses recíprocos lexicais que são o objeto central de nossa investigação.

**Verbos inerentemente recíprocos**

Os recíprocos lexicais, ou seja, verbos que possuem uma leitura recíproca em sua especificação lexical, também são conhecidos como verbos inerentemente recíprocos. Isso significa dizer que a interpretação recíproca desses verbos não é derivada de nenhuma estratégia de reciprocização, mas sim presente em sua interpretação semântica original.

Em uma descrição a respeito dos verbos inerentemente recíprocos em húngaro, Rakósi (2008, p. 413-414) apresenta os seguintes critérios para a definição de um verbo inerentemente recíproco:<sup>7</sup>

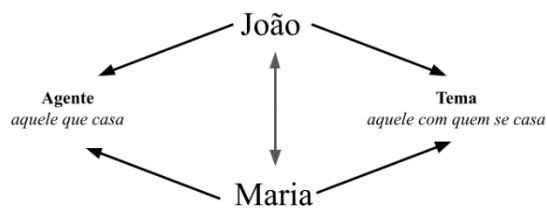
- i. O verbo é inequivocadamente recíproco;
- ii. O verbo codifica um conceito que pertence a um domínio conceitual universal disponível, que seja naturalmente recíproco, caracterizado de maneira apropriada;
- iii. O verbo não requer nenhuma marcação especial em sua forma própria ou nenhuma modificação em seus argumentos para que a relação recíproca se mantenha.

Para definir um verbo como “inequivocadamente recíproco”, recorremos ao conceito de construção recíproca de Lichtenberk (1985, p. 21): “há dois participantes, A e B, e a relação em que A está para B é a mesma em que B está para A”.<sup>8</sup> Um exemplo de verbo inerentemente recíproco em português é o verbo ‘casar’, disposto no exemplo a seguir:

(5) João e Maria (se) casaram.

Temos uma construção recíproca em (5), em que a relação de participação no evento de “casar” de João para Maria é a mesma que de Maria para João, conforme ilustrado na figura a seguir. Destaca-se ainda que “aquele que casa” e “aquele com quem se casa” são João e Maria e Maria e João, e vale lembrar que “casar” não é o tipo de evento que pode acontecer envolvendo apenas um participante.

**Figura 1:** Esquema do evento recíproco “João e Maria se casaram”



Fonte: Adaptado de Evans (2008, p. 34).

<sup>7</sup> O critério de Rákosi (2008, p. 413-414) é elaborado para recíprocos e reflexivos: First, they are in general unambiguously either reflexive or reciprocal. Second, the members of each class encode a concept that belongs to a universally available naturally reflexive or naturally reciprocal conceptual domain characterized in an appropriate way. Third, they are directly marked by some morphology (the default case in Hungarian), or they are morphologically unmarked (the default case in English), but they do not require special marking of any of their arguments or adjuncts for the reflexive or reciprocal relation to hold.

<sup>8</sup> The reciprocal situation can then be defined as one in which there are two participants, A and B, and the relation in which A stands to B is the same as that in which B stands to A.

Em relação ao domínio conceitual – o segundo critério apontado por Rakósi (2008), é interessante observarmos que as situações recíprocas representam interações sociais. Nesse sentido, Evans *et al.* (2011) apontam que, em nossas vidas diárias, todo tipo de interação e escaladas no comportamento social envolvem atividades que requerem atividades recíprocas direcionadas de ambas as partes. De fato, atividades recíprocas ocupam muito das narrativas que nos interessam em romances, filmes e novelas, desde o namoro, passando pelo casamento e até o divórcio, desde encontros, troca de presentes, ou fofocas e até brigas.<sup>9</sup>

Assim, seria possível elaborar diferentes domínios conceituais nos quais as diferentes situações recíprocas podem ser classificadas, considerando-se nuances semânticas mais ou menos específicas de cada um deles. Knjazev (2007) propôs três classes principais a partir da percepção de Wierzbicka (1980, p. 258) de que o traço semântico que os recíprocos têm em comum é a “sua preocupação com identidade”.<sup>10</sup>

Assim, Knjazev (2007, p. 122) assumiu que os significados dos verbos inerentemente recíprocos podem ser associados a: i) relações gerais (ex: identidade ou diferença); ii) relações espaciais (ex: proximidade ou distância); e iii) relações entre as pessoas (ex: rivalidade ou colaboração).

A primeira classe pode ser associada às relações de identidade, similaridade e diferença, bem como à noção de intercambialidade. Knjazev (2007) exemplifica essas relações nos seguintes verbos em russo:

- (6) Identidade, similaridade e diferença:  
*napominat'* – ‘assemelhar’  
*sxodit'sja* – ‘concordar com’  
*rasxodit'sja* – ‘discordar de’

(Knjazev, 2007, p. 123)

A segunda classe diz respeito às relações espaciais e pode se referir: (i) à proximidade e à distância; (ii) eventos em que a ideia de simetria geométrica é discernível; (iii) relações entre o todo e as partes que o constituem.

- (7) i) Proximidade e distância  
*raz'edijat'* – ‘separar’
- ii) Simetria geométrica  
*vstretit'* – ‘encontrar face a face, vindo de diferentes direções
- iii) Partes e todo  
*vklijn'cat'* – ‘incluir/ abranger’.

(Knjazev, 2007, p. 127, 130)

<sup>9</sup> In our daily lives, all sorts of interactions and escalations in social behaviour involve activities that require the reciprocally-directed activities of both parties. In fact, reciprocal activities occupy much of the narratives that interest us in novels, films and soap operas, from courtship through marriage to divorce, from meeting through exchanging gifts or gossip to fighting.

<sup>10</sup> their concern with identity.

Por fim, a terceira classe trata das relações entre pessoas, sendo, para Knjazev (2007), a mais diversa entre as três. Ela compreende as noções de parentesco e companheirismo, rivalidade e colaboração, e interação verbal.

(8) i) parentesco e companheirismo:  
*sojtis* – ‘ser amigo’

ii) rivalidade e colaboração  
*sorevnovat’sja* – ‘competir’

iii) interação verbal  
*debatirovat* – ‘debater’

(Knjazev, 2007, p. 133–135)

Voltando ao terceiro e último critério apontado por Rákosi (2008), temos que os verbos inerentemente recíprocos não exigem nenhum tipo de marcação especial ou modificação em seus argumentos para a expressão de reciprocidade, diferentemente dos verbos reciprocizados que, sem esse mecanismo, não apresentarão leitura recíproca. Os exemplos reproduzidos a seguir são os verbos inerentemente recíprocos citados neste artigo até então:

(9) *Libras:*  
DUAS CRIANÇAS BRIGAR  
Duas crianças brigam.

(10) *Inglês:*  
Sam and Pat *quarreled.*  
Sam e Pat discutir.*Pass*

(11) *Português:*  
a. João e Maria (se) *casaram.*  
b. João e Maria *brigaram.*

Em todas as construções, temos situações recíprocas sendo descritas para dois participantes - crianças, João e Maria, Sam e Pat - que apresentam uma relação recíproca, não marcada por nenhum mecanismo gramatical, pois já é inerente aos verbos *brigar*, *quarrel*, *casar*, em libras, português e inglês.

Hernández (2013) discorre a respeito da diferença entre estruturas reciprocizadas e inerentemente recíprocas no espanhol, contrastando exemplos como “se aman” e “se casaron”. Segundo a autora (2013, p. 329) o primeiro exemplo “adquire o significado recíproco pela adjunção do clítico, e as construções inerentemente recíprocas não adquirem a leitura recíproca pela adjunção do clítico”, uma vez que verbos como *casar* já carregam o significado recíproco (e simétrico, como veremos na seção a seguir).

Apesar de não haver uma exigência de marcação recíproca, Knjazev (2007, p. 136) argumenta sobre a “opcionalidade de marcadores recíprocos” em construções com verbos inerentemente recíprocos. Nesse caso, o uso do recíproco teria o objetivo de enfatizar a reciprocidade do evento, conforme os exemplos em (12) demonstram:

(12) a. The car and the bus *collided.*

‘O carro e o ônibus colidiram’.

b. The car and the bus *collided* with each other.  
‘O carro e o ônibus colidiram um com o outro’.

(Gleitman (1965) *apud* Knjazev (2008, p. 136))

Em (12) temos o verbo inerentemente recíproco “colidir” e o evento envolve dois participantes: carro e ônibus. A leitura recíproca pressupõe que os dois participantes estão em uma relação simétrica de se mover até o ponto de colisão. Nenhuma estratégia gramatical adicional é necessária para que essa leitura seja possível, contudo, caso o falante queira enfatizar a relação recíproca no evento de colisão, ele pode lançar mão do mecanismo apresentado em (12) - o uso do *each other* ou outra expressão anafórica que reitere a relação recíproca entre os participantes.

Dessa forma, os exemplos (10) e (11) podem apresentar outros mecanismos gramaticais que codifiquem reciprocidade, como uma marca opcional, uma vez que a os verbos já especificam a relação de reciprocidade entre os participantes do evento. Nesse caso, sentenças possíveis seriam:

(13) *Inglês:*  
Sam and Pat      *quarreled*              *with each other.*  
Sam e Pat              discutir.3p.pass      um com o outro.

(14) *Português:*  
a. João e Maria (se) *casaram um com o outro.*  
b. João e Maria *brigaram entre si.*

É interessante observarmos ainda que, a depender do tipo de estrutura gramatical a ser inserida na sentença, verbos inerentemente recíprocos podem até mesmo ter sua leitura recíproca enfraquecida, tornando-a ambígua ou até mesmo inexistente. Compare os exemplos a seguir:

(15) a. João e Maria (se) olharam.  
b. Ambos (se) olharam.  
c. João e Maria (se) olharam ao mesmo tempo.

(16) a. João e Maria (se) casaram.  
b. Ambos (se) casaram.  
c. João e Maria (se) casaram ao mesmo tempo.

No exemplo (15), o verbo “olhar”, não recíproco, passa a ter leitura recíproca por meio do uso do pronome recíproco “se”. Se inserirmos na estrutura elementos como “ambos” ou “ao mesmo tempo”, essa leitura recíproca permanece, tornando-se forte. Já em (16) temos as mesmas estruturas, contudo, o verbo “casar” é inerentemente recíproco. Nas sentenças (15) e (16), a inserção das expressões “ambos” e “ao mesmo tempo” enfraquecem a leitura recíproca, criando uma ambiguidade, pois o evento “se casar” pode ter acontecido entre João e Maria (leitura recíproca) ou entre João e um(a) parceiro(a) e Maria e um(a) parceiro(a) (leitura não-recíproca).



Tratemos agora da simetria, uma característica das construções recíprocas que tem levantado debates na literatura, especialmente para construções com verbos inerentemente recíprocos.

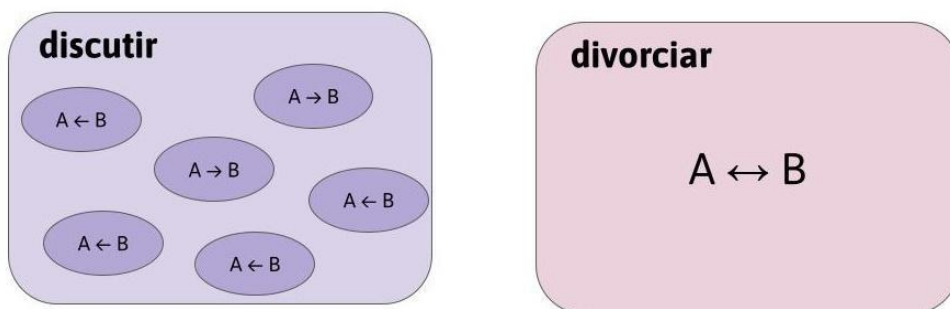
### Simetria

Dimitriadis (2008, p. 376) aponta que é comum a utilização dos conceitos de “reciprocidade” e “simetria” como sinônimos, mas na verdade “é fácil encontrar sentenças recíprocas que não descrevem uma relação simétrica”. Retomando a noção prototípica de reciprocidade (Lichtenberk, 1985), poderíamos considerar que a relação recíproca entre A e B é sempre simétrica, porque A está para B, da mesma maneira que B está para A. Entretanto, para alguns autores, a simetria é uma propriedade distinta e que nem sempre está presente em todas as construções recíprocas. Vejamos os exemplos a seguir:

- (17) João e Maria discutiram.  
 (18) João e Maria se divorciaram.

Os exemplos ilustram dois eventos recíprocos. Contudo, há uma diferença no modo como esses dois eventos conceitualizam a relação entre João e Maria. Se analisarmos mais detalhadamente, a sentença em (17) indica um evento composto de subeventos, sendo alguns subeventos de João discutindo com Maria e outros em que Maria discute com João. Nesse sentido, não é possível identificar se os subeventos em que João discutiu com Maria foram equivalentes em quantidade e duração aos subeventos em que Maria discutiu com João. Já a construção em (18) indica o que Siloni (2012) denomina de evento atômico, ou seja, João se divorciou de Maria e Maria se divorciou de João, em um único (sub-)evento, não sendo possível reduzi-lo a ou dividi-lo em eventos menores.

Figura 2. Esquema dos (sub)eventos em ‘discutir’ e ‘divorciar’



Fonte: elaborado pelos autores.

Um teste interessante para diferenciar esses dois grupos de verbos envolve o uso do quantificador massivo *muito*. Assim, os exemplos anteriores podem ser reestruturados como:

- (19) João e Maria discutiram muito.  
 (20) \*João e Maria (se) divorciaram muito.

No caso de (19), que envolve o acúmulo de subeventos, a noção de quantidade trazida pela expressão adverbial funciona, trazendo inclusive uma ambiguidade observada



por Siloni (2012): é possível fazermos uma leitura distributiva - em que João discutiu com Maria cinco vezes e Maria discutiu com João cinco vezes, totalizando dez subeventos; ou uma leitura coletiva - em que a soma dos subeventos de João discutir com Maria e Maria discutir com João é cinco. Contudo, no exemplo (20), essas leituras não são exatamente possíveis, considerando a situação recíproca entre Maria e João devido à propriedade atômica do evento. Pensando no evento prototípico de divórcio, só é possível uma leitura singular do evento. Assim, mesmo que eles decidam se casar novamente e se divorciar novamente, não estaríamos falando de dois subeventos de um único evento recíproco, mas, sim, de dois eventos atômicos distintos.<sup>11</sup>

Dimitriadis (2008, p. 378) nomeia esses eventos atômicos, como o expresso por (18), como “predicados simétricos irreduzíveis”, para os quais ela traz a seguinte definição: “um predicado é simétrico irreduzível se (a) ele expressa uma relação binária, mas (b) seus dois argumentos têm necessariamente uma participação idêntica em qualquer evento descrito pelo predicado” (Dimitriadis, 2008, p. 378).<sup>12</sup>

O que Dimitriadis (2008) define como “participação idêntica” diz respeito ao estado ou atividade nuclear expressa pelo evento, desconsiderando-se circunstâncias adicionais que possam compor a situação representada pelo evento. Voltemos ao exemplo (18): “João e Maria se divorciaram”. Poderíamos extrapolar a sentença e pensar num contexto em que João tenha sido o primeiro a desejar o divórcio e que tivesse procurado um advogado para iniciar o processo. Contudo, essa circunstância não modifica o fato de que o evento nuclear de João se divorciar de Maria também envolve a Maria se divorciar de João.

Discutidas as propriedades de verbos inerentemente recíprocos e a distinção entre recíprocos simétricos e não-simétricos, passemos a analisar e discutir os dados da Libras.

### **Verbos inerentemente recíprocos em Libras**

Para este estudo, buscamos por verbos inerentemente recíprocos em Libras no banco de dados do “Projeto VerboLibras” (Lourenço e Figueiredo, 2023), projeto ainda em andamento, cujo objetivo é construir uma base de dados lexicais, apresentando diferentes descrições gramaticais da classe de verbos em Libras, como i) especificação fonológica; ii) informação sintática; e iii) categorização semântica.<sup>13</sup>

Os verbos do projeto já estão anotados em termos de suas propriedades fonológicas. As que são relevantes para nosso trabalho são as descrições do parâmetro movimento e também número de mãos. Assim, a partir de uma lista de 480 verbos, extraímos todos aqueles

---

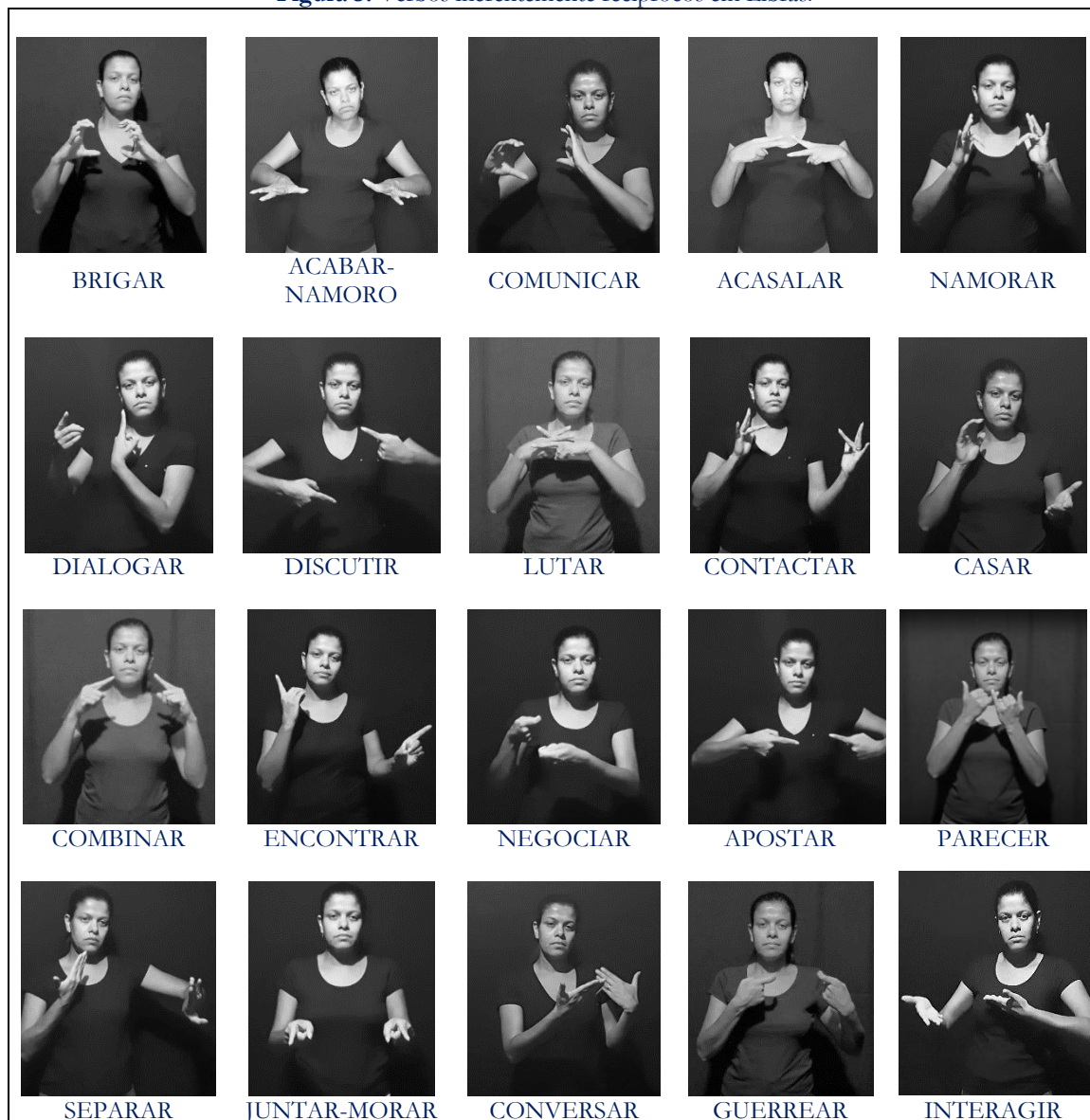
<sup>11</sup> Haveria ainda a interpretação não recíproca de que João e Maria se divorciaram de outros parceiros, para a qual tanto a leitura distributiva, quanto a coletiva seriam possíveis. Neste caso, cada um dos divórcios seria um evento atômico realizado entre João/Maria e seus parceiros.

<sup>12</sup> A predicate is irreducibly symmetric if (a) it expresses a binary relationship, but (b) its two arguments have necessarily identical participation in any event described by the predicate.

<sup>13</sup> Projeto aprovado por comitê de ética e devidamente registrado na Plataforma Brasil. CAAE: 76902623.2.0000.5149. Pesquisador responsável: Dr. Guilherme Lourenço.

que cumpriam os critérios propostos por Rakósi (2008). No total, identificamos 20 verbos inerentemente recíprocos, que são apresentados a seguir:

**Figura 3.** Verbos inerentemente recíprocos em Libras.






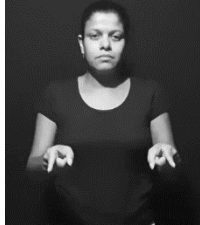

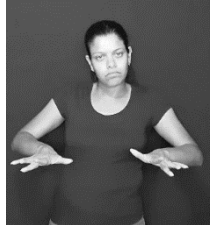





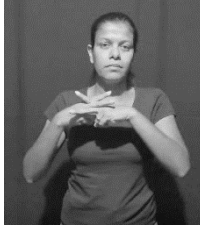


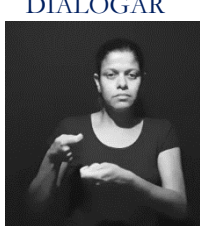
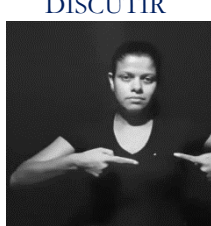
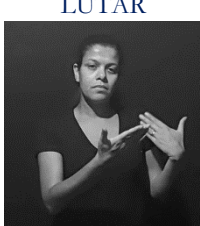
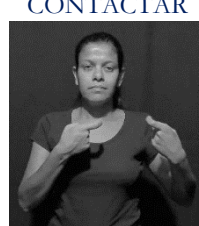

Fonte: capturas dos vídeos do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

O fato de termos identificado apenas 20 verbos inerentemente recíprocos em Libras em uma amostra de 480 verbos já era esperado. Conforme apontado por Evans *et al.* (2011), apesar de os verbos recíprocos apresentarem alta incidência interlinguística, eles são infreqüentes. Essa baixa frequência de recíprocos lexicais também se alinha à observação de que há alguns significados semânticos mais prototípicos que possuem uma tendência maior de serem expressos por verbos inerentemente recíprocos.

Assumindo a proposta de Knjazev (2007), os significados dos verbos inerentemente recíprocos podem ser associados às categorias de: i) relações gerais; ii) relações espaciais; e iii) relações entre as pessoas. A identificação dessas classes específicas de significado nos

ajuda a cumprir o segundo critério de Rákosi (2008, p. 414), que estipula que verbos inerentemente recíprocos “codificam um conceito que pertence a um domínio conceitual universal disponível naturalmente”. Apesar de Rákosi (2008, p. 414) não ser muito específico a respeito desse “domínio conceitual recíproco natural”, as classes semânticas propostas por Knjazev (2007) se adequam aos dados que temos para a Libras, conforme ilustrado a seguir:

**Figura 4.** Verbos inerentemente recíprocos em Libras agrupados por leituras semânticas prototípicas.

<p>Relações gerais</p>					
<p>Relações espaciais</p>					
<p>Relações entre pessoas</p>					
	<p>BRIGAR</p>	<p>ACABAR-NAMORO</p>	<p>COMUNICAR</p>	<p>ACASALAR</p>	<p>NAMORAR</p>
					
					
	<p>NEGOCIAR</p>	<p>APOSTAR</p>	<p>CONVERSAR</p>	<p>GUERREAR</p>	<p>INTERAGIR</p>

Fonte: capturas dos vídeos do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

Apesar de haver alguns significados semânticos que são mais comumente expressos pelos verbos inerentemente recíprocos, esses verbos tendem a ser analisados como idiossincráticos. No entanto, algumas observações adicionais podem ser feitas relacionadas às especificações fonológicas dos verbos inerentemente recíprocos em Libras, como o número de mãos e o tipo de movimento.

### **Bimanualidade e mapeamento semântico**

A primeira observação que podemos fazer é que todos os verbos inerentemente recíprocos em Libras são bimanuais. É importante apontar que uma das estratégias utilizadas para reciprocizar eventos não-recíprocos em Libras é a cópia das especificações da mão em sinais articulados com uma mão, tornando-os bimanuais (Ferreira, 2021; Pizzio *et al.*, 2023). Além disso, Zeshan e Panda (2011) também notaram que todos os sinais inerentemente recíprocos em Língua de Sinais Indo-Paquistanesa (IPSL) são bimanuais. Dessa forma, faz sentido nos questionarmos por que o traço bimanual é comum às construções recíprocas.

A bimanualidade nos verbos recíprocos em Libras pode ser relacionada ao que Börstell, Lopic e Belsitzman (2016, p. 402) chamam de “pluralidade articulatória”, que significa “recrutar múltiplos articuladores para representar (relacionamentos entre) múltiplos referentes” (Börstell, Lopic e Belsitzman, 2016, p. 402). Os autores afirmam que a bimanualidade é um traço relacionado a conceitos lexicalmente plurais. Börstell, Lopic e Belsitzman (2016) também argumentam que a pluralidade articulatória é de fato icônica, de maneira que a articulação de ambas as mãos funciona como uma representação visual de “relações entre entidades individuais (como situações transitivas ou recíprocas), e entre as partes que compõem entidades únicas (como artefatos compostos de duas partes)” (Börstell, Lopic e Belsitzman, 2016, p. 364).

Börstell, Lopic e Belsitzman (2016, p. 399) também sugerem que recíprocos geralmente são produzidos como formas bimanuais, e que há uma tendência, dentre diferentes línguas sinalizadas, de usar “cada uma das duas mãos para representar iconicamente um dos dois lados de uma situação recíproca”. A esse respeito, a análise de pluralidade proposta nos parece interessante, mas afirmaremos mais categoricamente que a bimanualidade em recíprocos é parte de um mapeamento icônico semântico entre cada uma das mãos e um participante do evento. Além disso, cada uma das mãos parece mapear um – e apenas um – participante.

O que evidencia essa hipótese de mapeamento rígido são sentenças com verbos inerentemente recíprocos que envolvem mais que dois participantes. Heim *et al.* (1991), Dalrymple *et al.* (1998), Nordlinger (2023), entre outros, notaram que construções recíprocas com mais de dois participantes podem ter leituras semânticas muito mais complexas. Vejamos o exemplo a seguir:

(21) As cinco crianças se viram.

Uma sentença como (21) é ambígua porque ao menos duas leituras são possíveis. A primeira leitura, de reciprocidade forte, é a de que cada uma das crianças viu todas as outras quatro crianças, o que resultaria em 20 subeventos. A segunda leitura possível, de



reciprocidade fraca, é a de que cada criança participou ao menos uma vez como experienciador e tema do evento de ver.

É interessante notar que em Libras a sentença (22) é gramatical. Contudo, a sentença (23), não.

(22)



DUAS



CRIANÇA



BRIGAR

(23) \*CINCO CRIANÇAS BRIGAR

Construções verbais inerentemente recíprocas contendo apenas dois participantes (22) são sempre gramaticais em Libras. Entretanto, (23) não é uma sentença gramatical. Para permitir que mais de dois participantes sejam representados em uma construção recíproca, o verbo inerentemente recíproco deve ser flexionado ainda para pluralidade, como em (24). Seguindo a terminologia de Klima e Bellugi (1979), o verbo recíproco é flexionado para numerosidade, um tipo de aspecto distributivo. De acordo com os autores, esse tipo de flexão marca a distribuição de ações – subeventos, em nossos termos – entre os membros de um grupo fechado e é realizada como a repetição do sinal do verbo ao longo de uma trajetória circular no plano horizontal do espaço de sinalização (Figura 5).<sup>14</sup> Perceba que tanto a leitura de reciprocidade forte, quanto a de reciprocidade fraca estão disponíveis nesta construção.

(24)



CINCO



CRIANÇAS



BRIGAR+++

**Figura 5.** Verbo BRIGAR+++ flexionado para numerosidade.



<sup>14</sup> Esse tipo de flexão também foi observada por Pfau e Steinbach (2003). De acordo com os autores, na Língua de Sinais Alemã (DGS), “sempre que mais de dois participantes estão envolvidos, o movimento das mãos se torna ‘randomizado.’” (Pfau and Steinbach, 2003, p. 38).

Fonte: captura de vídeo do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

O fato de (23) não ser gramatical em Libras parece corroborar a hipótese de que a bimanualidade em construções recíprocas é o resultado de um mapeamento icônico (Börstell, Lepic e Belsitzman, 2016; Lepic *et al.*, 2016). Meir (2010) propõe que formas icônicas são mais restritas em termos de quais outros mapeamentos semânticos elas podem carregar (ex: extensões metafóricas), uma vez que a correspondência estrutural dos mapeamentos icônicos deve ser sempre preservada. Observações semelhantes foram feitas para a iconicidade e sua interação com processos morfológicos, como a concordância (Lourenço, 2018; Oomen, 2020). Considerando a iconicidade como um mapeamento entre forma e significado que deve ter sua estrutura preservada, temos uma explicação para que o mapeamento mão-participante<sup>15</sup> encontrado em verbos recíprocos bloqueie sentenças como (23). Uma vez que há apenas duas mãos disponíveis, apenas dois participantes podem ser mapeados. Construções recíprocas com mais de dois participantes devem ser flexionadas em numerosidade, como em (24).

Após analisarmos a bimanualidade como um mapeamento icônico forte do tipo mão-participante, passemos a discutir os tipos de movimento encontrados nos verbos inerentemente recíprocos.

### Movimento e simetria

Ao analisarmos os verbos inerentemente recíprocos, notamos também um padrão interessante no que diz respeito às especificações de movimento desses verbos. Nós identificamos dois tipos de movimento distintos: movimento pontual (ou repetido) e movimento alternado. Esses dois tipos de movimento parecem codificar diferentes tipos de eventos recíprocos, no que diz respeito à simetria (Siloni, 2012). Observe os exemplos a seguir:

(25) IX<sub>a</sub> JUNTAR-MORAR IX<sub>b</sub>.  
A mora junto com B (B mora junto com A, também é verdade)

(26) IX<sub>a</sub> COMUNICAR IX<sub>b</sub>.  
A se comunica com B (B se comunica com A, também é verdade)

Assumindo a proposta de Siloni (2012), nós podemos afirmar que (25) e (26) se diferenciam quanto à simetria. Em (25) A mora junto com B e B mora junto com A. Adicionalmente, juntar-morar denota um único evento atômico, em que A mora junto com B e B mora junto com A e ambos os participantes A e B têm uma participação idêntica nesse único evento, ou seja, é um predicado simétrico irreduzível, nos termos de Dimitriadis (2008), ou recíproco simétrico, nos termos de Siloni (2012).

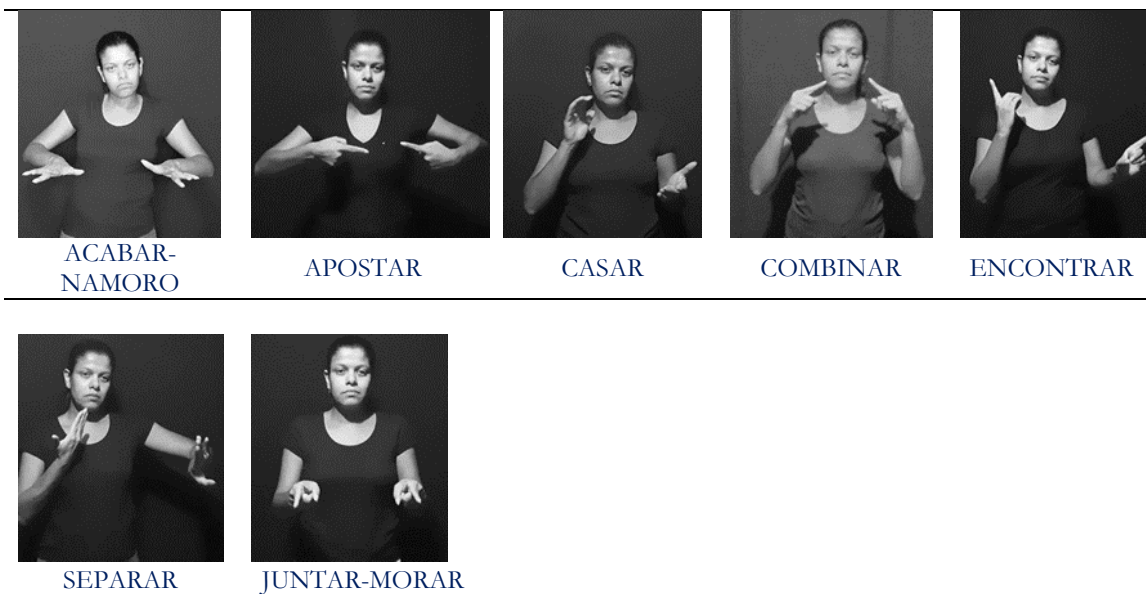
---

<sup>15</sup> Também é interessante observarmos que o fato de a especificação da (configuração de) mão poder apresentar um mapeamento referencial (de participantes) também é sugerido para construções classificadoras (Benedicto; Brentari, 2004 dentre outros).

Por outro lado, em (26), A se comunica com B e B também se comunica com A. Contudo, a reciprocidade é obtida a partir do acúmulo de subeventos. Em alguns desses subeventos, A se comunica com B e em outros B se comunica com A. Esse segundo tipo de predicado é chamado de recíproco não-simétrico irreduzível (Dimitriadis, 2008) ou apenas recíproco não-simétrico (Siloni, 2012).

É interessante observarmos que todos os verbos recíprocos simétricos em nossos dados apresentam movimento pontual (único) ou repetido:

**Figura 6.** Recíprocos simétricos com movimento pontual.



Fonte: capturas dos vídeos do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

**Figura 7.** Recíprocos simétricos com movimento repetido.



Fonte: capturas dos vídeos do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

Essa observação, de que a maioria dos verbos simétricos apresenta movimento pontual pode ser relacionada ao fato de que eles denotam um único evento, no qual ambos os argumentos têm participação idêntica (simétrica). Adicionalmente, alguns verbos simétricos apresentam movimento repetido, mas é importante notarmos que o movimento repetido não é o mesmo que movimento alternado.



A distinção entre movimento pontual ou repetido pode ser uma questão aspectual. Assumindo a Hipótese da Visibilidade do Evento de Wilbur e suas observações a respeito da marcação de telicidade em línguas de sinais (Wilbur, 2003, 2008, 2010), predicados télicos são marcados por um movimento pontual com uma rápida desaceleração. Por outro lado, movimentos repetidos (reduplicados) podem ser associados a eventos atélicos. Vale lembrar que a proposta de Wilbur tem sido replicada com sucesso para a Libras (Lourenço, 2018).

Já os verbos recíprocos não-simétricos demonstram um tipo de movimento diferente: eles apresentam movimento alternado.

**Figura 8.** Recíprocos não-simétricos com movimento alternado.



Fonte: capturas dos vídeos do Projeto VerboLibras (Lourenço e Figueiredo, 2023).

O fato de verbos recíprocos não simétricos apresentarem movimento alternado pode não ser acidental. Kuhn (2015) observou que, em LSF (Língua de Sinais Francesa), alguns verbos podem ter sua forma alterada para indicar pluralidade. Ele denomina de “/alt/” o morfema que é pronunciado como o “movimento alternado das duas mãos” (Kuhn, 2015, p. 124) e que “implica que a pluralidade de eventos varia no que diz respeito aos seus argumentos temáticos” (p. 126). Esse é exatamente o caso dos recíprocos não-simétricos. Nessas construções, a leitura recíproca é resultado de um acúmulo de subeventos, e os papéis temáticos dos argumentos alternam. É importante lembrarmos que a leitura recíproca do verbo comunicar é feita de subeventos de A se comunicando com B e outros de B se comunicando com A.

### Considerações finais

A análise aqui proposta é relevante para as discussões a respeito das construções recíprocas nas línguas sinalizadas, mas contribui também para um debate mais amplo a respeito da interface fonologia-semântica.

Em primeiro lugar, o mapeamento entre os participantes do evento recíproco e especificações manuais do verbo contribuem para a descrição da marcação de pluralidade nas línguas de sinais. Como já discutimos, Börstell, Lepic e Belsitzman (2016) e Lepic *et al.* (2016) afirmam que a bimanualidade não deveria ser analisada apenas como um traço fonológico dos sinais, argumentando que as mãos podem codificar diferentes conceitos semânticos – pluralidade lexical, por exemplo. Os dados sobre verbos inerentemente recíprocos confirmam a hipótese desses autores e demonstram um mapeamento icônico ainda mais forte entre bimanualidade e codificação do participante, de maneira que cada mão parece mapear um – e apenas um – participante. Isso também nos permite extrapolar a observação feita por Benedicto e Brentari (2004) de que as especificações manuais em construções classificadoras são morfofonológicas e mapeiam os participantes do evento, interagindo com a valência do predicado. No fim, parece que as especificações manuais são relevantes não apenas para construções classificadoras, mas também para outros tipos de construções verbais.

O segundo ponto de convergência está na distinção entre recíprocos simétricos e não-simétricos. Como vimos, esses dois tipos de verbos recíprocos exibem diferentes padrões de movimento – recíprocos simétricos têm movimento pontual ou repetido, enquanto recíprocos não simétricos têm movimento alternado. Essa interação entre o tipo de movimento e a interpretação semântica se alinha ao corpo crescente de trabalhos que afirmam que as línguas de sinais podem tornar visíveis algumas propriedades semânticas que normalmente não são morfológicamente realizadas nas línguas orais (Schlenker, 2018; Wilbur, 2010). Além disso, na análise dos dados em Libras, é possível encontrar os mesmos vieses icônicos que foram encontrados em outras línguas de sinais (por exemplo o movimento alternado encontrado em LSF [Kuhn, 2015]), o que contribui para a discussão sobre o quão universal esses mapeamentos entre forma e significado realmente são.

Também é possível relacionar a nossa discussão a algumas abordagens recentes, como a Hipótese do Mapeamento Corporal (Bross, 2020), que prediz que a estrutura sintática é mapeada no corpo do sinalizador. Dessa forma, traços internos de aspecto (que estão localizados abaixo de VoiceP, assumindo uma estrutura cartográfica) são expressos “pela manipulação da trajetória do sinal verbal” (Bross, 2020, p. 275). Tem sido proposto pela literatura que verbos inerentemente recíprocos carregam traços gramaticais específicos, que são combinados bem baixo na derivação – por exemplo, o traço [simetria] proposto por Hernández (2013) ou traços resultantes de processos como *bundling* (Reinhart e Siloni, 2005) ou unificação de argumento (Rakósi, 2008) – e a distinção entre recíprocos simétricos vs. não-simétricos é na verdade uma distinção entre um único evento atômico versus uma coleção de subeventos. Considerando que estrutura argumental e propriedades eventivas são mapeadas bem abaixo na estrutura sintática, nós poderíamos esperar corretamente que esses traços seriam expressos por diferentes tipos de movimento, como Bross (2020) previu.

## Referências

BENEDICTO, E.; BRENTARI, D. Where Did All the Arguments Go?: Argument-Changing Properties of Classifiers in ASL. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 22, n. 4, p. 743–810, 2004.

BÖRSTELL, C.; LEPIC, R.; BELSITZMAN, G. Articulatory plurality is a property of lexical plurals in sign language. **Linguisticae Investigationes**, v. 39, n. 2, p. 391–407, 2016.

BROSS, F. **The clausal structure of German Sign Language: a Cartographic approach**. [s.l.] Language Science Press, 2020.

DALRYMPLE, M.; KANAZAWA, M.; KIM, Y.; MCHOMBO, S.; PETERS, S. Reciprocal Expressions and the Concept of Reciprocity. **Linguistics and Philosophy**, v. 21, n. 2, p. 159–210, 1998.

DIMITRIADIS, A. The event structure of irreducibly symmetric reciprocals. *Emm.* DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T.; SCHÄFER, M. (Eds.). . **Event Structures in Linguistic Form and Interpretation**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2008. p. 327–353.

EVANS, N. Reciprocal constructions: Towards a structural typology. *Emm.* KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.). . **Reciprocals and Reflexives: Theoretical and Typological Explorations**. [s.l.] Mouton de Gruyter, 2008. p. 33–103.

EVANS, N.; LEVINSON, STEPHEN C.; GABY, A.; MAJID, A. Introduction: Reciprocals and semantic typology. *Emm.* EVANS, N.; LEVINSON, S. C.; GABY, A.; MAJID, A. (Eds.). . **Reciprocals and Semantic Typology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 1–28.

EVANS, N.; LEVINSON, STEPHEN C.; GABY, A.; MAJID, A. Introduction: Reciprocals and semantic typology. *Emm.* EVANS, N.; LEVINSON, S. C.; GABY, A.; MAJID, A. (Eds.). . **Reciprocals and Semantic Typology**. [s.l.] John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 1–28.

FERREIRA, H. C. **A estrutura argumental e a voz reflexiva e reflexiva recíproca na Língua de Sinais Brasileira**. [s.l.] Universidade de Brasília, 2021.

FISCHER, S. D.; GOUGH, B. Verbs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 18, n. 1, p. 17–48, 1978.

HEIM, I.; LASNIK, H.; MAY, R. Reciprocity and Plurality. **Linguistic Inquiry**, v. 22, n. 1, p. 63–101, 1991.

HERNÁNDEZ, L. Q. Unaccusativity, Telicity and Inherent Reciprocals. *Emm.* HOWE, C.; BLACKWELL, S. E.; QUESADA, M. L. (Eds.). . **Selected Proceedings of the 15th Hispanic Linguistics Symposium**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2013. p. 329–342.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The signs of language**. [s.l.] Harvard University Press, 1979.

KNJAZEV, JURIJ P. Lexical reciprocals as a means of expressing reciprocal situations. *Emm.* NEDJALKOV, V. P.; GENIUŠIENĖ, E. Š.; GUENTCHÉVA, Z. (Eds.). . **Reciprocal**

**constructions.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 115–146.

KNJAZEVIĆ, JURIJ P. Lexical reciprocals as a means of expressing reciprocal situations. *Emm.* NEDJALKOV, V. P.; GENIUŠIENĖ, E. Š.; GUENTCHÉVA, Z. (Eds.). . **Reciprocal constructions.** [s.l.] John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 115–146.

KÖNIG, E. Reciprocals. *Emm.* **Oxford Bibliographies Online.** [s.l.] Oxford University Press, 2017. .

KUHN, J. **Cross-categorical singular and plural reference in sign language.** [s.l.] New York University, 2015.

LEPIC, R.; BÖRSTELL, C.; BELSITZMAN, G.; SANDLER, W. Taking meaning in hand. **Sign Language & Linguistics**, v. 19, n. 1, p. 37–81, 2016.

LICHTENBERG, F. Multiple uses of reciprocal constructions. **Australian Journal of Linguistics**, v. 5, p. 19–41, 1985.

LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language: Morphophonology, Syntax & Semantics.** [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

LOURENÇO, G.; FIGUEIREDO, L. **VerboLibras Project**, 2023. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/verbolibras>>

MEIR, I. Iconicity and metaphor: constraints on metaphorical extension of iconic forms. **Language**, v. 86, n. 4, p. 865–896, 2010.

NORDLINGER, R. The Typology of Reciprocal Constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 9, p. 71–91, 2023.

OOMEN, M. **Iconicity as a mediator between verb semantics and morphosyntactic structure: a corpus-based study on verbs in German Sign Language.** Amsterdam: LOT, 2020.

PFAU, R.; STEINBACH, M. Optimal reciprocals in German Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 6, n. 1, p. 3–42, 2003.

PIZZIO, A.; CAMPELLO, A. R.; PEGO, C.; LOURENÇO, G.; LUCHI, M.; FARIA-NASCIMENTO, S. Morfologia da Libras. *Emm.* QUADROS, R. M. DE; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (Eds.). . **A gramática da Libras (Vol. 1).** Rio de Janeiro: INES, 2023. p. 175–378.

RAKÓSI, G. The inherently reflexive and the inherently reciprocal predicate in Hungarian: Each to their own argument structure. *Emm.* KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.). . **Reciprocals**

**and Reflexives: Theoretical and Typological Explorations.** Berlin: Walter de Gruyter, 2008. p. 411–451.

REINHART, T.; SILONI, T. The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and Other Arity Operations. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 3, p. 389–436, 2005.

SCHLENKER, P. Visible Meaning: Sign language and the foundations of semantics. **Theoretical Linguistics**, v. 44, n. 3–4, p. 123–208, 2018.

SILONI, T. The syntax of reciprocal verbs: An overview. *Em*: KÖNIG, E.; GAST, V. (Eds.). **. Reciprocals and Reflexives: Theoretical and Typological Explorations.** Berlin: Walter de Gruyter, 2008. p. 451–498.

SILONI, T. Reciprocal verbs and symmetry. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 30, n. 1, p. 261–320, 2012.

WIERZBICKA, A. **Lingua Mentalis. The Semantics of Natural Language.** Sydney: Academic Press, 1980.

WILBUR, R. B. Representations of Telicity in ASL. **Chicago Linguistic Society**, v. 39, n. 1992, p. 354–368, 2003.

WILBUR, R. B. Complex predicates involving events, time, and aspect: Is this why sign languages look so similar? *Em*: QUER, J. (Ed.). **. Signs of the time: Selected papers from TISLR 2004.** Hamburg: Signum-Verlag, 2008. p. 217–250.

WILBUR, R. B. The semantics-phonology interface. *Em*: BRENTARI, D. (Ed.). **. Sign Languages: A Cambridge language survey.** [s.l.] Cambridge University Press, 2010. p. 355–380.

ZESHAN, U.; PANDA, S. Reciprocal constructions in Indo-Pakistani Sign Language. *Em*: EVANS, N.; GABY, A.; LEVINSON, S. C.; MAJID, A. (Eds.). **. Reciprocals and Semantic Typology.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 91–114.